

# **A Árvore de Natal e o Presépio**

## **Colectânea de Contos**

**Vários autores**



**Tecto de Naveas**

**Título**

A Árvore de Natal e o Presépio – Colectânea de contos -

**Edição**

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.

Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte

tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

**Coordenação literária de**

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

**Autores:**

Adosinda Ferreira Dias; Agostinho Vieira; António Jesus Cunha; Ilda

Pinto de Almeida; Joaquim Armindo; Luís Bárbara; Maria do Rosário

Cunha; Maria Lucília Teixeira Mendes Pedro Forte; Ricardo Morais

da Cunha

**Capa**

Hugo Baganha a partir de imagens disponíveis online em regime de

copyleft em yopriceville.com

**Paginação**

Tecto de Nuvens

**Revisão**

Tecto de Nuvens

**Concepção Gráfica**

Tecto de Nuvens

© dos textos: cada um dos respectivos autores

© da colectânea: Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

**ISBN:** 978-989-8197-94-8

**Depósito Legal:** 432915/17

**Alguns autores escrevem de acordo com o novo A. O., outros segundo a antiga ortografia**

*O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade dos autores.*

A gerência da Tecto de Nuvens

## Apresentação

Temos na capa alguns dos mais conhecidos elementos de Natal, até para aqueles que não seguem uma religião. A escolha, como verão os leitores, não foi ao acaso, as decorações, as prendas, o ambiente percorrem quase todas as histórias e preenchem quase todas as memórias.

Recorrendo à sua infância, a episódios reais ou baseados em realidade, ou recorrendo inteiramente à ficção, os autores remetem-nos para um ambiente acolhedor e feliz.

Fica a lição, a memória, de um Natal colorido e alegre mesmo que, racionalmente, as circunstâncias pudessem não o indicar. <sup>1</sup> Tempo da magia, da cor, de pequeninos detalhes que marcavam uma data diferente, tempo de sorriso e gratidão.

A decoração e as prendas não são o Natal, mas são a sua preparação e a sua antecipação. Ao crescer, por vezes, deixamos que nos estraguem o Natal; é certo que não é o consumismo que o define, mas torná-lo numa época oca também não ajuda ninguém. Aliás, só serve para consolo dos preguiçosos e egocêntricos: “*Prendas e decorações são consumismo*”; “*Caridade? Só se lembram das pessoas no Natal*”; “*Votos de felicidade a desconhecidos? Isso é hipocrisia!*”. Convenientemente nada se faz: não se oferecem prendas, não se fazem decorações, não se ajuda o próximo quando todos o fazem, nem depois quando há mais esquecimento; e, claro, é bem melhor andar de “trombas” todo o dia, também nesta época...

---

<sup>1</sup> **Nota da editora:** não desanimem, apesar das dificuldades, fica a minha promessa de que todas as histórias terminam bem.

E nem me provoquem com descrições depreciativas sobre as músicas de Natal... Estou a ouvi-las enquanto escrevo e de vez em quando tenho de parar para limpar uma lágrima (ouçam as músicas, letra e melodia, com toda a atenção e vejam lá se não traduzem o melhor do Homem e do mundo. Podem chorar pela beleza, mas também por o espírito não se manter todo o ano), elas inspiram-me a coisas boas...

O nosso espírito adulto, pouco dado a magias (lembram-se dos contos de fadas e das fábulas? O preço de crescer é deixar de acreditar na magia, deixar de ouvir a voz dos animais, dos objectos... Sobretudo o deixar de acreditar...), acaba por contaminar as crianças. Cada vez menos viradas para datas e momentos especiais, para a antecipação, para a alegria pura... Um dos contos lembra-nos uma dura realidade, as crianças de hoje já pouco sorriem e quando o fazem não é duradouro. Há quem diga que é por terem tudo e sem dificuldade...

- Vou-vos contar um segredo muito baixinho para mais ninguém ouvir: **A cara delas reflecte a nossa!...** -

O Natal só tem um defeito, o seu espírito não dura o ano todo! Mas aí cabe-nos a nós usar de magia e fazer de cada dia um dia de Natal, de alegria, de preocupação com o outro, de desejarmos coisas boas aos outros, de termos as nossas casas e ruas cheias de cor e luz. E magia...

Leiam as histórias, dêem-nas a ler, leiam com a família... Gostávamos que a tecnologia nos permitisse entregar os livros com uma mantinha e uma caneca de chocolate quente, mas a magia ainda não chega a tanto! Mas chega para isto: em nome de todos os que participaram neste livro, desejar-vos, hoje e sempre que folheiem este livro: “Um muito Feliz Natal!”

Teresa Cunha, editora

## Era uma vez

Era ainda uma criança e corria atrás de magias, e que magias! Qualquer brincadeira era momento de gargalhadas boa disposição na companhia dos meus irmãos. Entre todos nós havia uma magia diferente, fazíamos apostas para ver quem ganhava pela melhor magia! Como crianças que éramos, embora umas mais crescidas e outras mais pequenas, cada um corria sempre em busca do melhor lugar para esconder do outro essa magia, que ficava esperando, escondida, o dia para ser classificada a melhor.

Cada mês tinha a sua magia, sempre começávamos pela Primavera, pois nesses meses fazíamos a busca pelos montes para encontrar as melhores folhas, as melhores bolotas, os melhores bugalhos que iam crescendo em cada árvore ao longo da floresta.

Cada um levava um cartucho de papel, pois nessa época não existia o plástico (hoje sabemos que era bem mais saudável o papel), e ia colhendo o que mais lhe agradava para a essa magia, para mais tarde poder ver quais os melhores para fazer o seu enfeite.

Alguns de nós já andávamos na escola, fazíamos as nossas brincadeiras de criança, hoje em dia as crianças na escola brincam de outra forma, creio que não tão saudável como nesse tempo da minha infância. Eram muito sãs as nossas brincadeiras e todos participavam com alegria. Não havia quem se opusesse ao que o outro dizia, todos concordávamos, e embora depois cada mostrasse mais ou menos talento dependendo da brincadeira que se fazia, havia unidade em cada um de nós, um por todos, todos por um.

Todos os dias combinávamos com outras crianças jogos

## A Menina do Clarinete Mágico

Esta é uma história verídica, mas só nela acreditará quem tiver uma imaginação tão fértil como a imaginação das crianças.

Era uma vez uma menina que desde tenra idade mantinha uma especial relação com os pequenos bichos que deambulavam pelos terrenos da quinta onde vivia. As suas brincadeiras favoritas incluíam sardaniscas, rãs, aranhas, e outros pequenos bichos do campo, usualmente preteridos pela maioria das crianças. À medida que ia crescendo a afeição aos animais ia aumentando.

Quem observasse as suas brincadeiras parecia que a Ariana conseguia perceber a linguagem dos animais e que com eles dialogava.

Recentemente tinha-se tornado amiga, imaginem, de um pequeno sardão e de um sapo.

Ao contrário do que se possa pensar os sardões são inofensivos ao homem, não são venenosos. Adoram esticar-se ao sol e gostam de ambientes tranquilos, por isso preferem os ambientes campestres. Não gostam de ser incomodados quando relaxam ao sol exibindo as suas belas cores, mescladas de verde, amarelo e azul. Alimentam-se, essencialmente de insetos, escaravelhos, moscas e mosquitos e fazem, ainda, algumas visitas a ninhos de aves. Também gostam de fruta e de vegetais.

Por seu lado os sapos não tiveram a mesma sorte com a beleza. Têm uma pele rugosa e repelente de cor verde ou castanha. Os sapos alimentam-se de insectos, aranhas, lesmas e minhocas e capturam as presas lançando para fora da boca uma língua comprida e pegajosa e, brrrr... um pouco

## O cordeiro do presépio

As pessoas mais antigas da aldeia, pelo Natal, costumavam contar aos netos uma lenda, que provavelmente teria algum fundo de verdade. São José quando se dirigia de Nazaré para Belém para se recensear juntamente com a sua esposa, a Virgem Maria, ter-se-á enganado no caminho, por causa do intenso nevoeiro. Depois de muitos dias a caminhar deu conta do engano. Estava completamente baralhado. Foi quando chegou a hora de Jesus nascer. No meio do monte, com muito frio, começou a ficar muito preocupado. De repente viu um pequeno casebre. Aproximou-se. Dentro havia luz. Bateu à porta. Um homem apareceu e, um pouco desconfiado, perguntou:

- Que fazem aqui a esta hora, com tanto frio?

Respondeu José:

- Eu e a minha esposa vamos a caminho de Belém. Penso que, por causa do nevoeiro, estou no caminho errado...

De dentro do casebre, uma voz feminina fez-se ouvir:

- Manda entrar as pessoas!

Solícita, a mulher ajudou a Virgem Maria. Mas, de repente, uma luz muito intensa fez desaparecer a Sagrada Família. Diz a lenda que eram anjos que os levaram para Belém. Aquele casal, nessa noite, em sonhos viu um anjo que lhes contou tudo acerca do nascimento de Jesus. Aquela luz tão intensa também fez desaparecer um dos cordeiros do rebanho daquele casal. Nunca mais o viram. Mas, a partir dessa data, nas noites de Natal, junto ao casebre, ouviam-se balidos de um cordeiro. Acrescenta a lenda que, através dos séculos, naquela aldeia, não mais se

## O NATAL

Como Maria se lembrava daqueles dias, quando ainda criança. Eram dias chuvosos e frios da semana natalícia. Era a semana boa... havia que preparar a árvore de Natal e um Presépio.

De manhãzinha corria pelo pinhal e levava consigo um pedão nas mãos. Entrava monte dentro até encontrar essa árvore tão excelente.

Depois de cortada, arrastava-a até casa e era assim colocada num vaso. Logo, era a vez de ser adornada com algumas folhas de pratas de cor, reluzentes e bem alisadas, “que eram encontradas e colecionadas ao longo do ano e colocadas por entre as folhas dos livros da escola”, eram essas as luzes que brilhavam quando o sol resolvia espreitar pela janela e entrar.

No verde das agulhas do pinheiro, faltava a neve, e assim, se lembrava de espalhar a farinha *Branca de Neve* que tinha sobrado dos sonhos de gila.

Depois vinha a vez de construir o Presépio. Lá voltava numa corrida ao pinhal em busca do melhor musgo.

No quintal procurava a palha de centeio para fazer o berço de palhinha para deitar o Deus menino. E assim construía o Pinheiro e o Presépio do sonho da natividade.

Nessa semana era a feira de Natal, assim era chamada.

Como Maria se recordava, da feira velha, a feira de Natal. Recordava os cheiros da fragância forte das tangerinas e das tângeras. Recordava os ananases pequeninos, “oriundos, crê, que dos Açores” e do seu aroma que ainda pode sentir no seu olfacto. Recordava as bananas da Madeira, sim da Madeira... “porque não havia

## a árvore de natal e o presépio

antes de tudo era a albertina que fazia a árvore e o presépio. depois continuei eu. e depois as minhas irmãs. era muito interessante. a albertina só deixou de fazer a árvore de natal por que foi para angola mais o marido. o moreira. sempre boavisteiro. ricas pessoas. quando estive em angola passei sempre lá por casa. também era como um filho para ela.

depois comecei eu a fazer a árvore de natal. havia um vaso ortogonal de cimento que ficava sempre no meio das escadas. foi o meu pai que o produziu. esse vaso ainda existente tinha em cada lado do octógono em cima um friso azul. esse vaso era só para o pinheiro. penso que a minha irmã ni ainda o tem. era sempre a leiteira que trazia o pinheiro. já não me lembro do nome dela. a leiteira era quem vinha distribuir o leite pelos fregueses. com o cântaro de leite à cabeça e uma medida de litro na mão.

não havia pinheiros artificiais desses em plástico. as luzinhas não eram assim. nem as bolinhas de natal. as luzinhas eram mesmo velas e belas. tinham um suporte de mola que prendia à árvore de natal. só se acendiam na véspera do natal. até porque haveria sempre o perigo de incêndio. então na data aprazada, princípios de dezembro, tirava-se o vaso das escadas. enchia-se de areia. não me lembro quem dava a areia ou se era comprada. talvez na drogaria das pedras.

na minha cabeça zurzia sempre o hino de natal. meu bom pinheiro de natal. era da igreja lusitana. aprendia-se na escola dominical. uma escola que era a catequese ao domingo. dizia. *meu bom pinheiro de natal/que bela é a tua luz/não há outro sem igual/ no monte e na planura.* colocava-se

## O Mistério da Luz de Natal

(conto para os avós contarem aos netos)

João acordou bem cedo.

Não que lhe apetecesse muito, o tempo ia muito frio e a cama era aconchegadinha. Ainda mais com o Chouriço aos pés.

O Chouriço era um gato de pelo muito preto, com uns olhos tão pretos, tão pretos, que até brilhavam no escuro. O maroto do gato era muito brincalhão. O João pusera-lhe o nome de Chouriço, porque da primeira vez que fora lá para casa, tentara roubar um chouriço à avó Esmeralda.

Toda a gente achara graça, menos a avó, claro, que até julgara que o chouriço estava a andar sozinho, é que o gato era tão pequeno que o chouriço tapava-o todo. Por fim a avó também achara graça e fizeram as pazes, ela e o Chouriço, e ficaram amigos quando a avó lhe deu um pires com leite que o gato rapidamente bebeu.

João propusera o nome de Chouriço, aceite por todos, para além da avó Esmeralda, da mãe Sofia e do pai Pedro, a mana Inês não se sabia bem o que é que achava, só tinha dito:

- “*Chibio ri besu*” – E os seus olhinhos pregados no João, estavam muito sérios.

João rira-se do alto dos seus cinco anos e emitira uma sentença nada abonatória da mana:

- Ainda não sabe dizer nada, pois não mamã? – Mas o João não estava a dizer a verdade toda, a mana Inês tinha-lhe dito: “Cala-te, ele *Besu*”. Mas só o João é que a entendeu, só o João, não! O Chouriço também percebeu e, no seu miado, manifestou o seu acordo de se chamar “*Besu*”, onde é que já se vira um gato chamar-se “Chouriço”? O João percebeu isto

## Natal da Minha Infância

Chegou finalmente o dia 23 de Dezembro. A minha mãe começou com a rotina de todos os natais. A primeira coisa a fazer era amassar as “filhoses doces”, que demoravam muito tempo a levedar (além da farinha e ovos, levavam também açúcar e vinho fino); as filhoses normais ficavam para mais tarde dado levedarem mais rápido (porque estas não levavam vinho nem açúcar). Depois de fritas eram mergulhadas numa calda doce e depois polvilhadas com açúcar e canela.

Enquanto ela andava nestes preparativos, eu e a minha irmã mais velha fomos ao pinhal arranjar musgo, heras e pinheirinhos (nessa época havia demasiados e era preciso cortar alguns para haver espaço para outros crescerem e se desenvolverem) para fazermos o presépio.

Com as coisas mais ou menos orientadas, era só esperar que começasse o grande dia: 24 de Dezembro!

Era o dia mais esperado e mais agitado na nossa casa sobretudo para mim e para as minhas duas irmãs (eu era a do meio)!

Enquanto a minha mãe se afadigava na cozinha, eu e as minhas irmãs começámos a fazer o presépio. Encostámos uma mesa a uma esquina, cobrimo-la com uma toalha velha, para não se verem as pernas da mesa e sobre ela começámos a fazer a nossa obra-prima, o que nos ocupou durante um bom tempo. Os pinheirinhos, colocados entre a mesa e as paredes, fizeram uma barreira de verdura que separava o mundo real, do que imaginávamos serem os arredores de Belém. Sobre a mesa colocámos algumas pedras e latas para formar o relevo que depois cobrimos com musgo.

## Emanuel

Conheceram-se no Jardim de Infância, mas têm proveniências diferentes: ele é bem portuguêsinho, filho de pais minhotos, numa aldeia rodeada de verdura, já bem perto de Espanha.

Ela veio de Albufeira, filha de mãe inglesa e pai português que, depois do ensino básico, foi levado da mesma aldeia por uns tios, donos dum hotel importante, no Algarve.

Estou a falar da Margarida e do Raul. Sendo de sítios opostos, o destino juntou-os bem cedo.

Recém-casados, os pais de Margarida deixaram o Algarve. A jovem esposa quis conhecer a aldeia do marido e, de tal modo se enamorou por ela, que não mais a quis deixar. Cativaram-na a alegria e sinceridade da gente minhota, os belos trajés, as festas e arraiais, a verdura permanente, o ar puro e leve que lhe enchia os pulmões.

Habitaram uma casa de pedra que reconstruíram e tornaram linda e acolhedora. No terreno circundante tinham cães, patos, galinhas e até uma cabrinha castanha, daquelas que têm uma espécie de campainhas de pêlo debaixo do pescoço.

Aí se sentiram como passarinhos no seu ninho. Foi nesse ninho que Margarida viu a luz do dia. Nesse quintal brincou com os animais; viu a chuva pela primeira vez e abriu as mãozinhas muito brancas para agarrar os flocos de neve que, ao serem apertados, se desfaziam, deixando-a desiludida.

Aos três anos, os pais levaram-na para o Jardim de Infância da terra. A pequenita sobressaía pelos seus cabelos muito loiros, a brancura da pele e o azul claro dos olhos inquietos, como a mãe.